

Assunto: Incidente com Silveira Lobo-Atitude do visconde de Jaguarí, presidente do Senado.

O Sr Visconde de Jaguarí

Tenho o animo perfeitamente calmo, e quanto mais reflito sobre o incidente do dia 18, mais convenço-me de que o Sr Presidente do Senado devia ter comigo outro procedimento. Eu nada exigia de sua amizade, da qual no dia seg^o ainda S.Ex.^{ma} dava testemunho por palavras, nem de nossas relações de coleguismo no ministerio de 29 de 7bro; eu não queria favores; mas tinha o direito de esperar justiça.

O Sr presidente do Senado pode estar persuadido de que foi justo, mas contra isto testam as reclamações energicas que na ocasião levantaram respeitabilissimos senadores, como os Senhores Marquez de S. Vicente, Visconde de Niteroi, B. de Coteigipe, Teixeira J^{or}, Bernades da C^a e outros.

Satisfazem-me o testemunho e o juizo desses senhores. A eles juntam-se os senhores Duque de Caxias e V. do Bom Retiro que tambem declararam não ter ouvido a palavra -improbidade, de q se originaram os clamores da opposição, e que aliás foi preferida, não por mim, mas pelo meu agressor no seguinte aparte, que transcrevo do jornal que publicamos debates:

"O Sr Silveira Lobo: isto é uma improbidade de V.Ex. (oh ! oh ! Rumor)

Logo, por este motivo, o Sr Visconde de Niteroi dizia : "À ordem ! ", e outros senhores senadores pediam execução do regimento, o Sr Visconde de Jaguarí contentava-se "em dizer que tornando-se a discussão pessoal não tomaria a responsabilidade dela." Em seguida proferiu contra mim a decisão que está publicada.

Pode o Sr Presidente do Senado estar mto satisfeito com os aplausos da Reforma, tardia compensação aos juizes e escritos anteriores; eu que fiz os gastos dessa festa de reconciliação, prefiro o juizo do Senado e do publico que nos ouviu e leu. Não era m^a intenção trazer à imprensa as observações que acabo de fazer, nem entreter polemicas.

Apelando para o testemunho do Sr Visconde de Jaguarí a respeito de um fato que a Reforma dizia ter-se passado entre mim e S.Ex., eu esperava um sim ou não, resposta breve e formal, conforme a consciencia do interpelado.

Mas o Sr Visconde de Jaguarí veio com distinções e hipoteses, falou de meus ressentimentos e da sua pena, apelou para o meu animo quando estava calmo; e, conquanto, no

meio de tudo isto, houvesse satisfeito a minha pergunta, obriga-me a replicar.

É certo que Sr Visconde de Jaguarí em voz baixa disse-me algumas vezes q era conveniente evitar os apartes (inofensivos) com que eu acudia a proposições que precisavam de pronta contestação, ou a ofensas pessoais de que S.Ex. devia defender-me com a autoridade do regimento.

No dia 17, anterior ao do incidente, a que estou referindo-me, aceitei o conselho, não dei um só aparte, e fui injuriado por quase duas horas sem que houvesse a menor reclamação do Sr presidente do Senado. Continuando o discurso do mesmo modo, de certo ponto em diante julguei que devia defender-me. O meu assnetimento aos desejos do Sr Visconde de Jaguarí deixava-me indefeso, abandonado, ouvinte impassivel de acusações e ofensas pessoais.

Não é papel q um homem de brio pudesse aceitar, nem eu comprehendo a teoria nova que se reconhece ao ministro, sentado em uma cadeira de espaldar, à direita do Sr Visconde de Jaguarí, "a obrigação de dar explicações de seus atos e as informações quando lhe forem pedidas."

(nao me lembro mais o que se me fez.)